
O texto bíblico: abordagens diacrônica, sincrônica e literária de narrativas do Novo Testamento

FRANCICLEY VITO¹

⊙ O texto bíblico, como o conhecemos, é um conjunto de vários textos que foram reunidos em um só livro. As leituras desses textos sempre tiveram na história variadas formas de aproximações; dentre essas formas estão as leituras sincrônicas e diacrônicas que ora privilegiam os rastros do texto na história (a diacrônica) e ora privilegiam a construção do texto como o temos na atualidade (a sincrônica). O artigo aqui apresentado preocupa-se com essas aproximações do texto bíblico, bem como em olhar com maior atenção para a aproximação literária das narrativas bíblicas com o intuito de descrever e refletir sobre essas formas de abordagens interpretativas da Bíblia.

Palavras-chave: Texto bíblico; Leitura; Bíblia como literatura.

⊙ The biblical text as we know, is a junction of several texts joined in an only book. The reading of those texts, throughout history, have always had varied ways of approximation. In between those forms of approximation there are the synchronic readings and the diachronic readings, which once privileges the text traces on the history (diachronic), and once privileges the text construction as we currently have it (synchronic). The article presented here concerns to those approximations of the biblical text, as well as observes with higher attention the literary approximation to the biblical narratives aiming to describe and reflect about these ways of interpretative approaches of the Bible.

Keywords: Biblical text; Reading; Bible as literature.

.....

¹ Mestre em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail: francikley.vito@gmail.com

Leitura diacrônica e sincrônica do texto bíblico

A Bíblia é um texto literário cuja retórica nos exige uma tomada de posição em relação às histórias ali contadas. Essa discursividade que o texto bíblico traz ao seu leitor exige que encaremos a leitura que se faz da Bíblia com maior cuidado, para que possamos perceber as aproximações que se fizeram desse texto no decorrer dos tempos.

É isso que propomos fazer na primeira parte deste trabalho, ou seja, examinar as leituras que são feitas do texto bíblico no decorrer dos séculos. Para tanto, examinaremos, em um primeiro momento, a concepção de leitura para, posteriormente, nos determos nas questões relacionadas aos tipos de leituras que são feitas da Bíblia, tanto como um livro confessional e doutrinário quanto como uma obra literária cuja influência é percebida em várias culturas e povos.

A leitura de um texto é, antes de tudo, uma ação que envolve, pelo próprio ato de ler, a necessidade de um objeto material com o qual possamos interagir; mas não podemos encarar o ato da leitura apenas como uma decodificação de letras. Em vez disso, precisamos vê-lo como uma interação em que o leitor, ao entrar em contato com o texto, coloca-se em um processo dialógico com ele para construção ou para uma nova percepção de realidades, até então não apreendidas. Segundo João Cesário Leonel Ferreira (2006, p. 3),

quando alguém lê, não toma conhecimento apenas de um fato histórico situado em determinado lugar do passado, ou de uma história ficcional, mas entra em relação dialética com o texto, sofrendo sua influência e, ao mesmo tempo, contribuindo com sua percepção particular de leitor sobre o conteúdo.

Essa leitura e decifração do texto é chamada por Ricoeur (2008, p. 49) de “hermenêutica”, ou, em termos ricoeurianos, “a decifração da vida no espelho do texto”. Reconhecendo que a matéria primeira sobre a qual se debruça o leitor é o texto, o autor propõe àqueles que se aproximam de qualquer escrito antigo uma desmistificação, uma melhor compreensão do texto com o intuito de perceber a intenção do texto ao falar não de si, mas de um “evento”, para posteriormente passar à prática anunciativa, entender aquilo que o texto anuncia, chamada por ele de prática *kerygmática*. Ricoeur continua:

A tarefa da interpretação, quando aplicada a um texto específico, não é para “entender seu autor melhor do que ele entende a si próprio” [...]. Antes, a tarefa é a de submeter-se a si próprio ao que o texto diz, ao que ele pretende, e ao que significa. [...] Assim, o momento semântico, do significado objetivo, deve preceder o momento



existencial, da decisão pessoal; em uma hermenêutica preocupada em fazer justiça tanto para a objetividade do significado como para a historicidade da decisão pessoal (RICOEUR, 2008, p. 62-63).

O autor, então, nos explica que o texto tem que levar o leitor a uma tomada de consciência através de uma narrativa construída por um autor, para produzir uma noção de realidade ficcional, a realidade apresentada na própria narrativa.

Segundo Martins (1994), os estudos na área da linguagem revelam que para apreender e compreender o processo de leitura, não é necessário apenas conhecer uma língua, mas os vários processos que são levados a efeito por meio de muitos sistemas de relações interpessoais entre as várias áreas do conhecimento. Essa afirmativa equivale a alegação de que a leitura não é o processo somente de decodificação de caracteres linguísticos, mas de vários processos interpretativos que se colocam a serviço da construção dos sentidos nos textos lidos.

Depois de tais afirmativas, a autora nos coloca diante de sua definição sobre aquilo que entende por leitura, considerado o que chama de uma “visão mais ampla” do que seja essa prática. Com base em tais pressupostos, Martins (1994, p. 31) nos diz que a leitura é “um processo de comunicação abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, filológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos”. Esse processo produz a ideia da amplitude e dinamismo que envolve o ato de ler um texto, seja ele informativo, narrativo, religioso ou de qualquer outro gênero.

Como nos indica Marguerat e Bourquin (2008), existem três tipos de exegese que são praticadas no mundo francófono em relação ao texto bíblico. O primeiro é o tradicional método histórico-crítico, pois intenta fazer uma reconstituição das condições históricas em que o texto foi produzido. O segundo é o método semiótico, cuja primeira preocupação não é o mundo em que o texto foi produzido, mas o funcionamento da linguagem no mundo do texto, ou seja, “nada fora do texto, nada além do texto”. E o terceiro método de leitura do texto bíblico (e do qual falaremos mais detidamente neste trabalho) é a análise narrativa, que é o método que “se orienta, primordialmente, não pelo autor; nem pela mensagem, mas pelo leitor; considera o efeito da narrativa no leitor, leitora, e a maneira como o texto os faz cooperar no deciframento do sentido” (MARGUERAT; BOURQUIN, 2008, p. 18).

Chamar a atenção para tais apontamentos é necessário para diferenciar a abordagem metodológica adotada por esses autores daquela abordagem que é chamada por eles de “abordagem tradicional” da Bíblia. Essa abordagem tradicional foi adotada desde os primórdios da interpretação bíblica por aqueles que tomavam o texto como depositário de doutrinas de cunho religioso, relegando à inexistência as características literárias do texto bíblico.

Como bem explicam Zabatiello e Leonel (2011) na introdução do seu livro *Bíblia, literatura e linguagem*, o trabalho deles tem como intuito principal ir além das “fronteiras da metodologia histórico-crítica e histórico-gramatical” de leitura da Bíblia, este último método adotado predominantemente nos estudos interpretativos de grupos religiosos. Eles desenvolvem sua argumentação da seguinte maneira:

Seja do lado da vertente histórico-crítico, seja no da histórico-gramatical, a leitura da Bíblia nesses trezentos anos ficou definida e demarcada pela *história* e pela *filologia* como referencial teórico e hermenêutico. Nesse paradigma histórico, a aposta fundamental era a de encontrar, mediante o cuidadoso uso do método, o sentido original do texto, de acordo com a intenção do seu autor e a intenção por seus primeiros leitores. Embora as duas vertentes do paradigma histórico sejam antagônicas entre si, ambas se submetem, igualmente, ao crivo da *historicidade* como fator que define a verdade textual e sua adequação e correta interpretação (ZABATIERO; LEONEL, 2011, p. 11-12, grifos do autor).

70

Portanto, como pode ser notado, o método de interpretação bíblica até meados do século 20 esteve ligado prioritariamente ao princípio de historicidade do texto, ou seja, encontrar a verdade que está no texto, seja por meio de um exame histórico-contextual ou por um exame histórico-gramatical do texto bíblico. Contudo, com o passar do tempo, percebeu-se a necessidade de uma “leitura mais plena do texto [bíblico]” (ALTER; KERMODE, 1997, p. 16). Esse movimento aconteceu tanto entre aqueles que lidavam com o texto de maneira convencional quanto entre aqueles que, apesar de serem de outras áreas do conhecimento que não a teológico-religiosa, começaram a olhar o texto bíblico em suas características literárias.

A necessidade de uma nova abordagem do texto bíblico que fosse diferente da abordagem tradicional já foi percebida por muitos nomes que se debruçaram sobre esses textos para enxergar neles outros sentidos e outras formas de leituras. Ricoeur (2008), por exemplo, rejeita a ideia tradicional de que o sentido de um texto só pode ser encontrado quando examinada a intenção que o autor original pensou para o seu texto, propondo em vez disso uma interpretação que levasse em conta a linguagem contida no texto bíblico. Como nos explicam os críticos literários Alter e Kermode (1997, p. 14), ao refletirem sobre o mesmo tema, isto é, sobre as mudanças necessárias na aproximação teórica do texto bíblico:

O que tem atualmente ocorrido é que a interpretação dos textos como realmente são na verdade foi revitalizada. Esse



desenvolvimento não foi simples nem isolado, tampouco representou uma mera reação contra a tradição moderna dos estudos bíblicos profissionais. Ele vem de uma necessidade, sentida tanto pelos estudiosos eclesiásticos quanto pelos seculares, de conseguir um novo ajustamento com a Bíblia tal como ela é, ou seja, como literatura de alta importância e vigor.

David Bauer, refletindo sobre o uso do método sobre o NT, coloca em linhas gerais o que significa tomar a “crítica narrativa” como um método “texto-centrado”, cujo objetivo é determinar os efeitos da história sobre sua audiência, isto é, entender quais efeitos uma história pode causar em seus leitores.

Nos últimos vinte anos, um novo modo de ler e entender as narrativas dos evangelhos tem surgido com toda a força dentro da pesquisa do Novo Testamento. Essa nova abordagem é usualmente intitulada de “crítica literária” ou “crítica narrativa”. Embora a crítica literária assuma muitas formas específicas, ela sempre apresenta as seguintes características: 1) um foco sobre a forma final do texto, sem (uma imediata) preocupação com fontes ou tradições que estão por trás do texto final; 2) uma tentativa de obter sentido da própria história, ao invés de usá-la como um meio para reconstruir elementos que estão fora dela mesma, sejam eles eventos históricos para os quais a história poderia apontar, ou a mente do escritor que originalmente escreveu a história; 3) um exame nos mecanismos pelos quais as características retóricas presentes na história comunicam sentido ao leitor (BAUER *apud* LEONEL, 2013, p. 41-42).

71

O mesmo labor para explicar o funcionamento do método sincrônico de leitura aplicado ao texto bíblico — no seu caso, no evangelho de João — foi empreendido pelo estudioso do NT D. A. Carson (2007). Segundo ele, o método sincrônico de leitura das Escrituras está intimamente atrelado à instrumentalização da crítica literária ou nova crítica, como ele a chama, para uma interpretação dos textos da Bíblia. Ao explicar o método sincrônico aplicado à leitura e interpretação ao quarto evangelho, Carson coloca a questão nos seguintes termos:

Se é que há qualquer “vanguarda” nos estudos atuais sobre João, ela é representada pelos estudos engajados na [...] “nova



crítica”, “crítica literária” [...]. O que é comum nas diversas perspectivas representadas pelas obras [...] é a primazia de uma perspectiva sincrônica do texto: isto é, os estudiosos [...] não levantam questões sobre a história do texto, [...] o grau de confiabilidade histórica, quais as fontes que podem ser identificadas, ou coisas do gênero. Em vez disso, questionam como encontrar sentido no texto como ele se apresenta, independentemente de qualquer referência extratextual que se possa fazer, e utilizam vários modelos diferentes para responder a essa pergunta (CARSON, 2007, p. 40).

Segundo Léon-Dufour (1996), o método sincrônico está mais apto para recorrer tanto ao contexto cultural quanto ao contexto literário para melhor determinar sua perspectiva na aproximação do texto. Partindo dessa premissa, o autor indica algumas das operações efetuadas pelo método sincrônico de leitura do texto bíblico:

72

A primeira operação consiste em delimitar a *unidade literária* que a seguir será analisada. [...]. Os princípios de uma linguística sadia ajudam a confirmar cientificamente as delimitações e as relações das subunidades de uma grande unidade. [...] O método sincrônico não exclui o confronto com os textos aparentados. Todavia, não pretende ocupar-se propriamente das influências possíveis em jogo, mas apreciar melhor a perspectiva da unidade considerada (LÉON-DUFOUR, 1996, p. 27-29, grifo do autor).

Apoiado no princípio de que os textos sagrados devem ser analisados em sua unidade literária e sob a regência de uma linguística sadia, o autor parece ciente de que o método sincrônico, apesar de sua primazia na aproximação dos textos bíblicos, não despreza a utilidade do método diacrônico. Nessa mesma linha de compreensão, outros autores preocupam-se em dizer que o método histórico de aproximação e leitura de textos não podem ser. Vejamos o argumento de Zabatiero e Leonel (2011), ao falar sobre a cooperação entre os dois métodos:

Muitos não entenderam que o esgotamento do paradigma histórico-filológico-literário de pesquisa não significava o abandono da contextualidade dos estudos bíblicos. Uma inútil polêmica se estabeleceu entre leitores diacrônicos e



sincrônicos, entre interpretações históricas e literárias — como se tais oposições existissem na realidade. [...] Entretanto, o esgotamento de um paradigma demanda uma reorganização dos modos de pesquisa, dos diálogos interdisciplinares, dos questionamentos, das teorias de produção de conhecimentos em uma área do saber. [...] É possível, dada a pluralidade do mundo acadêmico contemporâneo, que mais de um paradigma articule a pesquisa bíblica (ZABATIERO; LEONEL, 2011, p. 13-14).

Tais palavras reverberam o crítico literário Robert Alter (2007), ao defender que o método de abordagem literária à Bíblia deve ser examinada sincronicamente, trazendo para o método diacrônico de pesquisa um aprofundamento e uma sutileza que não seria possível de adquirir se houvesse um divórcio entre os dois métodos. Segundo Alter (2007, p. 42), “o que precisamos compreender melhor é que a visão religiosa da Bíblia adquire profundidade e sutileza justamente por ser apresentada mediante os mais sofisticados recursos da prosa de ficção”.

Abordagem literária do texto bíblico

Apesar das muitas e constantes aproximações que se fizeram no decorrer da história dos textos bíblicos, considerá-los em sua essência como um fenômeno literário² ainda se mostra um obstáculo para muitos daqueles que, seja como acadêmicos ou como leitores comuns, voltam-se para a leitura desses documentos antiquíssimos que são, em última instância, esteios para a construção da história ocidental. As variadas leituras que se fizeram das Escrituras imprimem em muitos uma visão heterogênea desses textos, seja para distanciar-se deles ou para defendê-los, em muitos casos de maneira passional.

A Bíblia, como texto, foi construída por cerca de quinze séculos e é composta por 66 livros divididos em dois grandes blocos que a história (cristã) sagrou denominar de “Antigo Testamento” e “Novo Testamento”. O AT (ou Bíblia Hebraica) é composto por 39 livros e o NT é formado por 27 livros, na tradição cristã que segue a

.....

² Apesar de conhecermos a terminologia adotada por Amora (1917, p. 41) ao chamar a literatura em geral de “fato literário”, preferimos adotar neste trabalho o termo “fenômeno” literário para seguir a nomenclatura indicada por Moisés (1987), Alter (2007), Candido (2000), Zabatiere e Leonel (2011) e Eagleton, (2001).

Reforma Protestante.³ É nesse período que a Bíblia é apresentada no formato em que a encontramos atualmente.

Muitos daqueles que lidam com a Bíblia a encaram como uma espécie de manual para a construção de doutrinas e modos de crença para guiar fiéis à busca da “verdade”, sem considerar outras características contidas na Bíblia, como sua qualidade estética, por exemplo. Ao abordar a leitura que tradicionalmente é realizada da Bíblia, Gordon D. Fee (*apud* DYCK, 2012, p. 12, grifo nosso) deixa-nos um quadro descritivo de como a aproximação dos Escritos Sagrados é feita no decorrer dos anos pela maioria dos fiéis. Segundo ele:

para o estudioso bíblico, a hermenêutica significa aquele tipo de interpretação que *considera as Escrituras como revelação divina, e que é, portanto, a base para a teologia, vida e comportamento cristão*. Concebida nesses termos, a hermenêutica propõe aquele “sentido claro” das Escrituras e entendida com a ajuda do Espírito que é igualmente aplicável e obrigatório como a Palavra de Deus para todas as pessoas, em todos os tempos e em todos os contextos.

74

Essa aproximação unidimensional, porém, deixa de considerar um dos elementos mais importantes para a interpretação da Bíblia, a saber: a Bíblia é antes de tudo um texto construído no tempo que traz consigo elementos de caráter estéticos, retóricos etc. Essa abordagem do texto bíblico como ferramenta religiosa para a construção de crenças e dogmas é apontada pelo crítico literário Robert Alter (2007) como um elemento que dificulta outras abordagens possíveis e necessárias ao texto bíblico. Ele afirma:

Uma razão óbvia para a ausência de interesse científico na análise literária da Bíblia reside no fato de que, ao contrário da literatura grega e latina, a Bíblia foi considerada durante muitos séculos, por cristãos e judeus, como fonte primordial e única da verdade divina revelada. Essa crença ainda tem influência profunda, tanto naqueles que a refutam quanto naqueles que a perpetuam (ALTER, 2007, p. 34).

.....

³ Quando fazemos menção a esses números, estamos considerando a tradição da Reforma Protestante, que não considera como canônicos os livros chamados apócrifos (escondidos, não inspirados). Na Bíblia de tradição católica, os livros do AT somam 46, visto que essa tradição considera como [deutero]canônicos os livros de Tobias, Judite, 1 e 2 Macabeus, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico e Baruque.



Em um texto posterior, no qual trata da mesma questão, Alter (2008) aprofunda seus pensamentos sobre a visão tradicional da Bíblia como única fonte para construção de um sistema de crenças. Neste texto, o autor repete as mesmas palavras citadas acima para basear seus pensamentos posteriores quando defenderá a abordagem literária da Bíblia:

Qualquer escritor literário trabalha com um conjunto complexo de convenções e técnicas que são compreendidas geralmente pelos leitores porque são automáticas na cultura. *O problema com a Bíblia é que, ao longo dos séculos, conforme esses textos são lidos estritamente em termos teológicos, perdemos as chaves para essas convenções.* Na tentativa de recuperar os princípios artísticos com os quais os antigos escritores hebreus compuseram seus trabalhos, podemos ver mais plenamente o que está acontecendo nas histórias — quais são as implicações de uma inserção particular de diálogo, da recorrência de um tema, de um paralelo entre dois episódios etc. (ALTER, 2008, p. 12, grifo nosso).

Ao repetir sua opinião em dois textos de sua autoria, Alter deixa clara sua posição em relação à não consideração da Bíblia como uma obra literária e coloca em suas palavras a inegável influência que os textos bíblicos exercem nas sociedades que foram por eles alcançadas. Negar a flagrante influência que os textos bíblicos exercem sobre as muitas sociedades, seja no Oriente ou no Ocidente, é equivalente a deixar de considerar muitos dos textos produzidos através dos séculos que tomam a Bíblia como sua fonte primeira de inspiração.

Portanto, é equivocada a tomada da Bíblia como texto apenas de cunho religioso, que visa tão somente à edificação dos fiéis, bem como acolhê-lo apenas como esteio para a elaboração de dogmas e fórmulas doutrinárias. É para esse fato que nos chama a atenção João Leonel (2006; ZABATIERO; LEONEL, 2011), ao nos dizer seguidamente que a não consideração das características da Bíblia como um texto de cunho artístico e literário tem sido motivo de vários erros.

Apesar de seguir o mesmo sentido dos autores acima, Bloom (2013) avança em suas observações quanto ao estudo literário dos textos bíblicos ao sugerir que a tomada da Bíblia como um fenômeno literário seja mais interessante que tomá-la apenas como um texto de cunho religioso. Em entrevista concedida a uma revista brasileira, o crítico literário é questionado se o enfoque literário na Bíblia é mais interessante do que o seu enfoque religioso, e responde:

Sem dúvida, o texto original do que hoje chamamos de Gênesis, Êxodo e Números é trabalho de um narrador magnífico,



certamente um dos maiores contadores de história do mundo ocidental. Aliás, em *O Livro de Jó*, observo que o autor desses textos foi uma mulher que viveu 3 mil anos atrás, na corte do rei Salomão, um lugar de alta cultura, ceticismo e muita sofisticação psicológica. Pense em figuras como José, Jacó e Jeová. São todos personagens maravilhosos. E os efeitos poéticos do texto são extraordinários, comparáveis a Píndaro. Os profetas Isaías, Jeremias e Ezequiel também eram grandes escritores, assim como os autores do evangelho de Marcos e do livro de Jó. A Bíblia é uma vasta antologia da literatura de toda uma cultura.

Notemos que ao defender sua posição em relação ao texto bíblico, de que ele é um magnífico compêndio literário ou “uma vasta antologia da literatura de toda uma cultura”, Bloom faz sua leitura do texto a partir das terminologias advindas do campo da literatura; ao falar sobre os escritores bíblicos, refere-se a eles como “narradores magníficos”; quando ao falar sobre figuras conhecidas da Bíblia como Jacó, José e Jeremias, pensa neles como “personagens maravilhosos”. Isso implica dizer que toda a abordagem feita por Bloom parte do princípio de que a Bíblia é uma obra literária que retrata a cultura de uma cultura.

Segundo Ferreira (2006, p. 2), “a dificuldade vivenciada por aqueles que abordam a Bíblia apenas como texto sagrado reside em um equívoco de base. Falta uma compreensão adequada do que é um ‘texto’ bíblico ou não, e de suas funções”.

Levando-se em conta o seu caráter de textualidade, podemos dizer que o texto bíblico pode ser definido como um enunciado escrito longo e antigo cuja construção léxica varia em um seguimento de grandes proporções. Daí o cuidado de Gabel e Wheeler (2003) em conscientizar o leitor de que, apesar de a maioria das pessoas considerarem a Bíblia um texto homogêneo, o que temos naquele texto é um grupo diversificado de textos que abrangem desde textos poéticos, passando por provérbios e chegando até as narrativas históricas. Tal concepção do texto bíblico nos remete ao significado da palavra “Bíblia” em seu original (*ta biblia*) que nos indica a ideia de um conjunto de livros. Em outros termos:

Toda a nossa discussão aponta para o fato cardeal: a Bíblia não é um livro no sentido comum do termo, mas uma antologia — um conjunto de seleções de uma biblioteca de escritores religiosos e nacionalistas produzidos ao longo de um período de cerca de mil anos. A Bíblia não pode ter o tipo de unidade que geralmente esperamos de um livro do nosso período. Não há estilo bíblico,



um ponto de vista bíblico ou uma mensagem bíblica: há estilos, pontos de vista, mensagens (GABEL; WHEELER, 2003, p. 22).

Uma percepção do texto bíblico em sua heterogeneidade, isto é, a percepção de que a Bíblia não é um texto uníssono em sua composição, mas um conjunto de textos que se juntam para a formação de um todo cultural e historicamente conhecido como “Texto Sagrado”, tende a nos conduzir, quando refletimos sobre qual sua melhora conceituação, à já conhecida metáfora de Julia Kristeva (2005, p. 68) quando usa da figura do “mosaico” para definir o texto. É certo que, ao fazer um uso metafórico do mosaico, a autora está se deportando à ideia do texto como intertextualidade, mas o princípio aqui apresentado bem pode ser aplicado à Bíblia como texto em sua formação heterogênea. Ou seja, apesar de as partes (livros) da Bíblia terem significado por si e em si mesmos, como as pequenas peças que formam um mosaico, seu sentido mais completo pode ser percebido quando vistos no todo, em sua totalidade.

Para Eco (1994), é justamente essa heterogeneidade do texto bíblico que constitui um elemento valorizador de sua composição, bem como um dos motivos de suas constantes leituras e releituras no decorrer dos séculos. Em outros termos, diz Eco (1994, p. 134), “a imensa e antiga popularidade da Bíblia se deve a sua natureza desconexa, resultante do fato de ter sido escrita por muitos autores diferentes. [...] Para se tornar sagrado, um bosque tem de ser emaranhado e retorcido [...] e não organizado com um jardim francês”. Portanto, é essa complexidade constitutiva um dos elementos que dá força e vivacidade às narrativas do texto bíblico. A Bíblia é, portanto, um mosaico de textos (e de discursos) que se unem e se sobrepõem para formar um texto com suas características gramaticais, históricas, linguísticas e culturais; um todo que ganha força e sentido com, e por causa de, suas partes.

??

Considerações finais

Em palavras finais, podemos dizer que as muitas e variadas formas com as quais os textos bíblicos são lidos não são, em última análise, uma depreciação desse texto, mas um forte indício do seu poder retórico e discursivo, bem como de seu poder de encantamento por meio de narrativas e cenas artificialmente (ou literariamente) construídas para despertar em seus leitores variadas sensações próprias das grandes narrativas.

Como são muitas as formas de construção do texto bíblico, deveríamos esperar variadas formas de aproximações desses textos. É justamente essa variedade de leituras que possibilita ao leitor dos Textos Sagrados a ampliação de seus horizontes de compreensão e a constatação de que a Bíblia, apesar de ser primeiramente um texto religioso, é uma grande obra literária com todo seu potencial dialógico, retórico, discursivo e literário.

Referências

- ALTER, R. **A arte da narrativa bíblica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. Um mergulho na narrativa bíblica. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, n. 251, ano VIII, p. 12-14 2008.
- ALTER, R.; KERMODE, F. (Org.). **Guia literário da Bíblia**. São Paulo: UNESP, 1997.
- BLOOM, H. Entrevista. **Veja Online**, 31 de jan. de 2001. Disponível em: <http://abr.ai/1TaMi9j>. Acesso em: 17 novembro de 2013.
- CARSON, D. A. **Comentário de João**. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.
- DYCK, E. (Ed.). **Hermenêutica**. São Paulo: Shedd Publicações, 2012.
- ECO, U. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- 78 FERREIRA, J. L. **Ele será chamado pelo nome de Emanuel: o narrador e Jesus Cristo no Evangelho de Mateus**. Tese. (Doutorado em Teologia). Unicamp, Campinas, 2006.
- GABEL, J. B.; WHEELER, C. B. **A Bíblia como literatura**. São Paulo: Loyola, 1993.
- LÉON-DUFOUR, X. **Leitura do Evangelho segundo João I**. São Paulo: Loyola, 1996.
- MAGGIONI, B. O evangelho de João. In: FOBRIS, R.; MAGGIONI, B. **Os Evangelhos II**. São Paulo: Loyola, 2006.
- MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y. **Para ler as narrativas bíblicas**. São Paulo: Loyola, 2009.
- MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- RICOEUR, P. **Ensaios sobre a interpretação bíblica**. São Paulo: Fonte Editora, 2008.
- ZABATIERO, J. T.; LEONEL, J. **Bíblia, literatura e linguagem**. São Paulo: Paulus, 2011.